



Instituto de Desenvolvimento Educacional do Alto Uruguai - IDEAU



REI

REVISTA DE EDUCAÇÃO DO IDEAU

Vol. 6 – Nº 13 - Janeiro - Julho 2011
Semestral

ISSN: 1809-6220

Artigo:
**EDUCAÇÃO FÍSICA NO RECREIO ESCOLAR:
MOMENTO PARA APRENDIZAGENS**

Autor:
José Ricardo Gomes¹

¹ Educador Físico, professor da rede municipal de ensino dos municípios de Erechim e Jacutinga. Rua João Pessoa 81/13. Bairro Centro. CEP: 99700-000 – Erechim- RS
professor_zegomes@hotmail.com

EDUCAÇÃO FÍSICA NO RECREIO ESCOLAR: MOMENTO PARA APRENDIZAGENS²

Resumo: A vivência humana hoje faz com que educadores repensem o ambiente e o tempo escolar com maior profundidade. Sei que é redundante, mas as crianças de hoje são muito diferentes de anos atrás. O fato de serem diferentes, não reside como problema, mas como questionamento: “será que nada deve mudar na estrutura educacional, para que tenhamos estudantes mais interessados?” Nesse sentido o repensar escolar passa também pelo intervalo, o nosso bom e conhecido recreio. O presente artigo vem analisar o recreio existente na maioria das escolas e juntamente com a visão da Educação Física, visualizar caminhos para que este momento indispensável na escola tenha um caráter mais atrativo aos olhos dos participantes e pedagógico aos olhos de toda a comunidade escolar.

Palavras-chave: Recreio, Educação Física e momento pedagógico.

Abstract: The human experience today is that educators rethink the environment and school time in greater depth. I know it's redundant, but the children of today are very different from years ago. The fact that they are different, there is an issue, but as a question: "does nothing to change the educational structure so that we have more students involved?" In this sense the rethinking school also goes by the interval, our good name and recreation. This article is to analyze the existing marina in most schools and with the vision of physical education, ways to view this vital time in school to have a more appealing to the participants and teaching in the eyes of the whole school community.

Key words: Recreation, Physical Education and teaching time.

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O recreio escolar não aparece só na literatura universal, como faz parte das boas e más lembranças de todos os que já freqüentaram escola. Momento de glória ou horror, oportunidade de conquistar fama ou de passar vergonha, o período de recreio, mesmo quando tranqüilo ou até monótono, tem muita importância na formação da personalidade dos alunos (http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CEB002_2003.pdf).

A influência do ambiente em cada ser é inquestionável. Como na citação acima mesmo um recreio tranqüilo deve ter nossa atenção, pois é um local de convívio livre e heterogêneo. Essa heterogeneidade é que deve ser respeitada e colocada como prioridade quando falarmos em melhoramento do recreio, pois seja qual for o caminho tomado deve atender a todos. A referência ao melhoramento do recreio em hipótese alguma tem a intenção de transformá-lo em um ambiente estático e dotado de silêncio absoluto. Neste trabalho o

² Artigo científico apresentado ao curso de pós-graduação, em Educação Interdisciplinar com ênfase em Educação Física, do Instituto de Desenvolvimento do Alto Uruguai como requisito final para a obtenção do título de especialização.

intuito é, chamar a atenção dos educadores, para analisarmos como esta e mostrar caminhos de melhoramento do intervalo escolar.

No que se refere à influência do ambiente no comportamento humano, identifiquei alguns fatores preponderantes na vida de nossos estudantes. Os meios de comunicação, a religião e a família, não escalados em grau de importância.

Nossos noticiários dão cada vez mais espaço aos acontecimentos ruins de nossa sociedade. Sabendo que de uma forma ou outra nossas crianças têm acesso a essas notícias, nosso cuidado é monitorar como acontece o entendimento delas. Dessa maneira poderemos controlar de que maneira está ocorrendo a interiorização destes noticiários. Não venho aqui me digladiar com os meios de comunicação, que fazem seu papel de retratar com fidelidade nosso cotidiano. A audiência é o objetivo vital dos programas, assim usufruem da atração humana por catástrofes, crimes bárbaros, acidentes, lutas e outros tantos fatos que mexem com a parte instintiva de cada ser.

Uma contradição é criada, pois exigimos de nossos alunos posturas que vão à contramão da realidade que é apresentada a eles. Jamais sairão de mim pensamentos de acomodação ou negligência, mas tenhamos a serenidade de ver que hoje, não nos assustamos com atos que num passado não distante causariam desespero. Esta certa tolerância que fomos criando aos acontecimentos no decorrer dos anos é passada às crianças de forma direta, pois se para os adultos que rodeiam a criança estes acontecimentos são normais, será assim seu entendimento. Por isso na escola o corpo docente somando-se a família tem papel fundamental, auxiliar o educando na maneira de como interiorizará estas notícias.

Quando me refiro a religião não trago aqui nenhum cunho religioso específico. A geração que hoje se encontra no ambiente escolar, na sua maioria, não tem temor nem respeito a algo superior a nós mortais. A crença e a espiritualização servem para o momento em que ninguém está vendo ou por perto para proibi-los ou aconselhá-los de qualquer ato que sabem ser incorreto. O fazer proibido como é usado na gíria popular: “tem outro sabor”. Nesse entendimento que faço, a religião é imprescindível para uma boa educação.

A família é o terceiro fator e tem papel de protagonista em relação aos anteriores. É ela que dentro de seus princípios pode e deve estimular a espiritualidade e escolher a programação televisiva adequada à idade de seu filho. É verdade que passamos por um momento de muita conturbação ou reconstrução familiar. A tradicional composição pai, mãe e irmãos hoje têm variações como, só pai ou só mãe, padrasto e madrasta, pai e pai, mãe e mãe e há quem nem conheça essas palavras, somente avô e avó. Estas mudanças afetam

diretamente as crianças, pois no convívio diário existem situações incômodas que podem causar sofrimento a elas mesmo sem intenção de colegas, professores ou amigos.

Os fatores citados vêm de certa forma como desabafo. Perdoem-me a comparação, mas jamais um animal selvagem depois de ter aprendido as leis da selva não será facilmente domesticado. Hábitos são fáceis de aprender, mas depois de aprendidos são difíceis de serem esquecidos.

O propósito de melhoramento do recreio escolar ou do ensino como geral deve começar em casa, na família. A educação tem que e deve ser proveniente do núcleo familiar, a instituição de ensino é responsável pela socialização e por ensinar e expandir sua cognição.

Com o relato dos acontecimentos externos aos portões das escolas, começaremos o processo detalhado de ver e analisar o intervalo nas escolas. Os recreios, de modo geral, são quinze minutos de uma resenha social. Crianças gritam, brigam, discutem, machucam-se e depois procuram o caminho da sala dos professores para buscar algum auxílio de estância maior ou quem sabe somente uma atitude fraterna. Nessa busca, algumas vezes deparam-se com atitudes não muito afáveis por parte de um monitor, professor, diretor ou qualquer que seja o cargo ocupado.

Esta pesquisa se faz como forma de acrescentar conhecimentos sobre o assunto tratado, bem como mostrar caminhos para uma possível melhora deste. Tendo a Educação Física e o recreio como momentos cobiçados pelas crianças, faremos deles momentos propícios para uma aprendizagem lúdica.

2 EDUCAÇÃO FÍSICA NO RECREIO ESCOLAR

Fala-se tanto no aperfeiçoamento nas maneiras de ministrar as aulas e esquecemos um momento importante na escola, o recreio. O recreio deve ser visto como momento influente no processo de ensino-aprendizagem da criança.

Coll (1996), apresentando uma concepção globalizada de ensino, destaca que a escola comprometida com a educação de todos deve prestigiar não somente os conteúdos que proporcionam a aprendizagem de saberes cognitivos. Suas idéias, tão em voga na atualidade, concebem o mesmo grau de importância à aprendizagem de conteúdos relacionados aos saberes afetivo-sociais e psicomotores (MATTOS; NEIRA, 2002, p.39).

Seguindo o pensamento de Coll, existe equivalência no grau de importância da área cognitiva, social e motora. É com esta idéia que devemos repensar o recreio. Somos

responsáveis pelas interiorizações que nossas crianças farão do que esta ao redor delas. Se esta interiorização for feita de forma negligente desde a educação infantil, teremos sérios problemas quando estes que hoje se encontram na educação infantil estiverem nos anos finais do fundamental ou ensino médio.

Sem a existência de um mediador as crianças mostram-se livres para ter as atitudes que acham convenientes, ou diria inconvenientes, para momento. Alguns desentendimentos mal resolvidos entre as quatro paredes da sala de aula, muitas vezes tem sua finalização no recreio. Por este motivo algumas escolas têm necessidade de um monitor. Habitualmente suas características são, grande estrutura, aparência viril e que jamais estampa qualquer sorriso, este funcionário nos remete a outro ambiente muito diferente do escolar.

A situação que se encontra é de recreios violentos e conturbados. As salas dos professores são sempre acompanhadas dos gritos de seus alunos. É evidente que o corpo docente não esta satisfeito com estes fatos, mas não há iniciativa de mudança. Preferem o anonimato no *happy hour*. Quando se déssemos valor merecido ao recreio, com certeza teríamos alunos que voltariam dele melhores, com suas mentes descansadas e aptas ao aprendizado que lhes será apresentado.

Se o recreio escolar fosse colocado dentro do planejamento pedagógico já encontraríamos entraves. Qualquer mediador sabe que se fosse dado a ele vinte minutos para ministrar uma aula seria difícil. Teríamos que pular algumas etapas, como identificar o conteúdo a ser trabalhado, analisar o entendimento da turma sobre o assunto, para então iniciar o conteúdo e de certa forma concluí-lo não em sua totalidade, mas, por exemplo, um capítulo.

Pensando desta maneira como planejaríamos um recreio? Se tomássemos como exemplo um professor defensor da disciplina mais conservadora, com seus alunos saindo para o recreio com no mínimo algo que lembre uma fila. Portanto uma turma que após o sinal faz esta pseudo organização e desloca-se até o refeitório, entra na fila da merenda, alimenta-se, entra na fila da devolução do prato e ai então vai para o pátio. Na chegada ao pátio cada criança faz uma breve análise de qual das brincadeiras estão acontecendo e qual irá escolher. Na verdade agora começaria o recreio para eles. Vendo os fatos nesta ótica, tornar o recreio pedagogicamente viável, esbarraria também na questão do tempo. Aumentar o tempo de recreio? Sendo o cunho deste artigo algo qualitativo, a quantidade não entrará no mérito.

As atividades escolares se realizam na tradicional sala de aula, do mesmo modo que em outros locais adequados a trabalhos teóricos e práticos, a leituras, pesquisas ou atividades em grupo, treinamento e demonstrações, contato com o meio ambiente e com as demais atividades humanas de natureza cultural e artística, visando à plenitude da formação de cada aluno. Assim, não são apenas os limites da sala de aula propriamente dita que caracterizam com exclusividade a atividade escolar de que fala a lei. Esta se caracterizará por toda e qualquer programação incluída na proposta pedagógica da instituição, com frequência exigível e efetiva orientação por professores habilitados. Os 200 dias letivos e às 800 horas anuais englobarão todo esse conjunto (CNE, no Parecer CEB nº 05/97).

Na maioria das escolas o recreio não poderia estar incluído na carga de horas anuais. Isso por que, como o parecer da CEB nº 05/97 nos diz, qualquer atividade fora da sala de aula, inclua aqui o recreio, deve constar na proposta pedagógica e com efetiva orientação por professores habilitados. Mesmo que façamos a troca da nomenclatura professor por profissional, um guarda ou monitor esta longe de ter habilitação pedagógica que o encaixe na lei. Estes profissionais têm papel mais corretivo do que preventivo.

É nato do ser humano ter em si características instintivas. Buscar seu destaque perante o outro é bagagem pré- histórica, onde disputava seu habitat com animais selvagens. Com a evolução humana, a racionalização fez com que nosso comportamento tivesse menos agressividade e mais racionalização. No entanto, sempre que somos colocados frente a um stress maior, corremos o risco de nosso instinto prevalecer sobre a nossa razão.

O stress de certa forma acompanha o ambiente escolar. O convívio humano gera alegria, frustração, ganho e perda, todos esses sentimentos estão presentes na escola, mas a sua visualização fica mais evidenciada no recreio. Por se tratar de um local “sem leis” é fácil que ocorram incidentes, digamos instintivos. Quando isso ocorre normalmente sabemos o início, meio e fim desta situação. A raiva existente, só vai reduzindo assim que os envolvidos se aproximam da sala da direção, então surgem rostinhos angelicais, segue-se um sermão, abraço ou aperto de mão entre as crianças e tudo esta resolvido.

O ser humano na sua porção animal é condicionável. Se tivermos uma ação que nos de uma reação, é a intensidade da reação que indicará ao nosso cérebro se devemos repetir esta ação ou não. Por isso devemos estar atentos as atitudes que temos perante os alunos. Não quero com isto que volte a palmatória, mas que consigamos ter equivalência na nossa reação perante a ação dos educandos.

Na idade escolar as crianças têm uma energia que parece muitas vezes inesgotável. Manter o educando sentado por quase quatro horas é papel heróico de qualquer mediador. Sem extravasar esta energia, existe certo acúmulo energético, que pode ser elevado por algum

stress que ocorra. Se fizermos uma soma, acúmulo energético, mais stress e mais qualquer que seja a provocação no recreio; o resultado nos parece óbvio.

Nas escolas temos algumas disciplinas que fazem desta energia, combustível para seu acontecimento. É o caso da Educação Física, Educação Artística, Técnicas Agrícolas e Domésticas, as duas últimas praticamente extintas das escolas. O educando que tem qualquer uma dessas aulas tendem a um comportamento menos impulsivo. Por que neste caso já existiu um gasto de sua energia ou extravasamento de seu stress. Caso isto ocorra antes do intervalo o aluno poderá usufruir o recreio com um pouco mais com qualidade, mesmo que ainda não seja pedagógico. Tendo esta vivência presente em meu cotidiano, valorizo muito todas estas consumidoras de energia.

“Temos que conhecer melhor o indivíduo que aprende; só assim poderemos adequar a prática pedagógica aos processos cognitivos, motores e afetivo-sociais do aluno” (NEIRA, 2006, p. 123). Existindo por parte dos mediadores um conhecimento mais aprimorado de cada aluno, sabendo suas habilidades, gostos e desejos, pode-se organizá-los para um recreio mais produtivo. As crianças que tendem a expressão corporal que se crie grupos de dança e teatro, sendo que exista uma sala para que possam ensaiar com certa autonomia. Aos que tendem as habilidades laborais que os utilize para auxiliar na merenda ou jardinagem. Para o restante a Educação Física e seu leque de jogos e brincadeiras como tabuleiros (dama, xadrez, trilha...), arremessos (argolas, derruba pino, cesta...) e pega-pega (caça-rabo, pega-cola, pega-corrente...) teria o papel ocupacional e lúdico.

Sobre o movimento, “Não conheço nada mais próximo da verdade de quanto a esse assunto que a afirmação de que todo movimento corporal é inato. Já não pode mais duvidar de uma motricidade inata: nenhum bebê nasce imóvel” (FREIRE, 1991, p.47).

Esta ligação inata entre o movimento e o ser humano deve ser respeitada. A Educação Física vem ao encontro a esta característica humana. É a partir das disciplinas já citadas, mas principalmente na Educação Física que vejo maneiras de termos um intervalo com virtudes pedagógicas. Da mesma maneira que o educador físico utiliza e aperfeiçoa movimentos naturais e espontâneos dos educandos para suas aulas, buscará este mesmo aproveitamento no recreio sendo que neste momento exista ainda mais liberdade ao educando.

A criatividade na perspectiva pedagógica não requer que o produto da criatividade seja algo inédito no mundo. Basta ser novo para quem participou do processo e, desse modo mude sua relação com o mundo. Para isso os resultados do processo criativo podem ser mensurados em termos concretos (novos materiais ou mecanismos), ou novas formas de comunicação, relacionamento, organização ou pensar (MOREIRA, 2006, p. 96).

Se para que exista criatividade como salienta Moreira, não há necessidade de exclusividade e sim o simples fato de ser novidade aos participantes da atividade, então buscarmos métodos já usados em outros lugares é um viés que fará parte desta busca por um recreio melhor.

Segundo Neuenfeldt (2005), repensar o papel do recreio é fundamental. Que ele seja visto como mais uma possibilidade de educação para a vida. Neste ponto as idéias de Coll e Neuenfeldt se aproximam de tal maneira que quase se completam. Coll lembra que a aprendizagem se da em qualquer lugar e Neuenfeldt salienta que qualquer lugar é possível que haja educação.

O homem vive em processo vital de evolução, esta virtude esta em tudo que esta a seu redor, com o recreio não seria diferente. Atualmente a evolução que ouvimos a respeito são os chamados recreios direcionados. Esta nomenclatura pode sofrer pequenas variações dependendo da região, indiferente a isto suas características são semelhantes.

Algumas escolas deixam materiais à disposição dos alunos, deixando-os livres para utilizarem o que quiserem. Desta maneira existe uma melhora no andamento do intervalo, porém, as crianças permanecem com posturas semelhantes às anteriores. Permanecem as disputas e brigas por materiais.

Outras escolas estipulam atividades e fazem certo revezamento entre turmas, para que reduza a disputa pelas atividades. Para mim já é uma evolução bem positiva. Este rodízio de atividades faz com que as crianças se comportem naquele que menos gosta para que quando chegar o que lhe agrada não fique de fora.

Nada é mais gostoso do que fazer o que a gente gosta, não é? A proposta é que as crianças não sejam separadas por série, cor ou religião. Parte-se do principio de que as crianças não devem ser separadas, cada criança tem que escolher o que mais lhe atrai. E que se a maioria opte pela mesma atividade então se divida a partir de argumentos pedagógicos.

No momento em que ocorra estas opções, os professores e pais devem deixar o estudante a vontade para que faça a sua melhor escolha. Venho aqui salientar que principalmente na área de educadores físicos tem o péssimo hábito de querer encaixar alunos em determinado desporto, sendo que este de repente não atraia em nada os estudantes. Este é um erro egoísta e imaturo por parte do professor, estar mais preocupado com o desempenho do que com a satisfação de seu aluno.

Para que exista esta estrutura pedagógica no recreio é especialmente do educador físico que iremos precisar. Pela forte característica de movimento que é incorporada ao

recreio, nada melhor que o especialista motriz da escola para auxiliar. Já esta atrelada na essência da Educação Física como disciplina pontos agregadores ao recreio como o jogo, a cooperação e criatividade. Além disso, esta disciplina pode facilitar outros fatores, como geradora da interdisciplinaridade, assim facilitando a descoberta das aptidões individuais, sujeito da aproximação família-escola e tratar de dar um caráter qualitativo ao desempenho de toda a comunidade escolar.

Para que exista este progresso educacional não tem como determinarmos maior ou menor importância aos fatores citados ou ainda se existem mais a serem elencados. Tudo isso dependerá da realidade vivida em cada escola. Da estrutura física e humana que contempla cada comunidade escolar. Agora brevemente se tratará dos fatores relevantes citados anteriormente. Evidenciando que isso não é uma receita, são somente alguns ingredientes, para o sucesso do recreio.

Sobre o jogo começaremos exemplificando no caso de uma atividade apresentada a uma turma em aula de Educação Física, onde o professor tem o objetivo de analisar como cada um se comporta frente ao mesmo desafio, por vezes torna-se monótona. Atividades assim exigem que a turma execute várias vezes o mesmo movimento. Sem que exista mudança no movimento, tão somente o professor divide a turma em dois ou mais grupos, o entusiasmo já é evidente, pois imaginam que haverá um jogo. Esta é a magia do jogo, que pode e deve ser usada no recreio como trunfo de interesse aos educandos. Mais a diante trataremos de discernir os jogos cooperativos dos competitivos e suas devidas potencialidades.

Outro trunfo envolvendo ainda o jogo é promover gincanas que ocorram durante o ano inteiro ou então competições de xadrez, tênis de mesa ou ping-pong entre outras que sejam possíveis. Assim teremos alunos interessados e interagindo socialmente com os outros.

Tanto na cooperação quanto na competição teremos o aprendizado de vencer ou perder, no entanto é no cooperativismo que este sentimento faz-se completo. O participante sente-se parte integrante de toda a engrenagem do jogo, sente-se fundamental. Mais um processo de interiorização positivo, ser visto e notado pelo grupo.

O que já vem sendo trabalhado a bom tempo em aulas de Educação Física e deve ser atrelado a todas as propostas que façam parte do recreio é o cooperativismo. É com este tipo de trabalho que conseguimos mais facilmente minimizar as diferenças dos componentes de um grupo em prol de um objetivo que só pode ser atingido com participação de todos do grupo.

O que diferencia esta cooperação da competição é que na segunda pode existir um objetivo comum, mas que é conquistado com o esforço de uma minoria. Ou então um objetivo individualista que precise da colaboração de todo um grupo.

A competição e a cooperação não são, por conta própria, boas ou ruins, construtivas ou destrutivas. Nada pode garantir que qualquer uma delas provoque relações humanizadoras ou desumanizadoras. Este é, inclusive, outro erro muito encontrado na Educação Física, em que defensores e opositores dos Jogos Cooperativos buscam vincular à cooperação ou à competição, aspectos positivos e facilitadores do processo ensino aprendizagem (MOREIRA, 2006, p. 110).

Ao tratarmos da criatividade é comum que a criança seja mais criativa sozinha do que perante um grupo, seja mais criativa na família do que na escola. Refiro-me aqui aquela criatividade natural e espontânea. Quanto mais à vontade está o ser humano, mais naturalmente ele age. Esta naturalidade que dará espaço a criatividade.

O item anterior é um dos responsáveis por fazer o aluno sentir-se bem, tendo suas ações valorizadas pelo grupo. O corpo docente deve criar ambientes de criatividade, não pré-estabelecer atitudes criativas, o que comumente acontece. Se no intervalo houver espaços para que os educandos sintam-se confortáveis, existirá mais um fator que colabore para o bom andamento do recreio.

A interdisciplinaridade inicia-se ao mostrar para o corpo docente que se pode brincar com qualquer que seja a disciplina, mesmo as mais temidas como matemática e português e ressaltar que todas têm importância na construção global do ser humano. Desta maneira teremos todos os alunos inclusos no processo, neste ou naquele momento. Existindo este engajamento por parte dos docentes, os alunos também passam a valorizar mais as disciplinas e o recreio em si.

O professor que tem consciência do verdadeiro significado e importância de seu papel, como co-participante do processo de desenvolvimento de seus alunos, é aquele que assume se um companheiro de jornada no processo de formação e capacitação do educando (MELCHIOR, 1994, p.31).

É de conhecimento geral que as crianças espelham-se muito nos exemplos que a ela são apresentados. Seguindo este raciocínio, mesmo que exista um revezamento entre professores, mas é algo que não pode ficar somente atrelado a Educação Física. A valorização da atividade realizada no recreio é o meio de engrandecê-la.

[...], a escola deve proporcionar amplas oportunidades para a constituição de uma auto-estima forte em todas as crianças, através do apoio e da compreensão das diferenças individuais e da possibilidade de múltiplas expressões, aproveitando os talentos individuais (SCHMELKES, 1994, p.66).

Seguindo este raciocínio, as aptidões devem estar sempre claras na construção das atividades. Não é demais lembrar que sempre que possível devemos incluir todos os tipos de habilidades, não necessariamente dentro da mesma atividade e no mesmo dia, mas no decorrer geral. É de suma importância termos a consciência dos alunos favorecidos no desempenho motor, nas exatas, na literatura e até nas piadas, para os engraçadinhos. Para que exista o entendimento de que chegará a vez de cada um mostrar suas aptidões, talentos ou simplesmente fazer o que mais gostam. A Educação Física pode englobar isto na corporeidade de que todo humano é dotado. A corporeidade é o somatório de corpo, cognição e espiritualidade e existe esta obrigação que sejam contempladas todas essas áreas.

A relação escola e família deve manter outros laços além de comunicar-se quando há a problemas ou somente na entrega de boletins. O propósito destas atividades é trazer a família mais próxima da escola. Eventos esportivos voltados aos pais são normalmente bem aceitos. Se não o conseguirmos presencialmente, pois a realidade laboral dos pais nos é conhecida, mas que o aluno leve para casa. Os pais poderão auxiliar os filhos numa atividade prazerosa que beneficie a relação pais, filhos e escola.

Para que se tenha êxito deve-se mostrar aos pais o intuito da escola com estas atividades, ressaltando a parte pedagógica ante a lúdica, pois ao leigo tudo não passaria de brincadeira. Este pensamento só pode e, aliás, deve ser aceito vindo dos educandos, que assim terão mais prazer ao realizá-las.

Se consideramos que a escola, a comunidade e os pais de família pretendem a mesma coisa, estaremos de acordo em que o trabalho conjunto para atingir estes objetivos produzirá maiores e melhores resultados que o esforço isolado de uma das partes (SCHMELKES, 1994, p. 81).

A avaliação vem como fechamento, sendo primordial ao fim de qualquer etapa. Após as atividades realizadas no recreio ao longo de um mês ou bimestre, é hora de fazer com que corpo docente e discente, avalie todo o processo ocorrido.

Do lado dos alunos que avaliem o prazer em realizar as atividades, o comprometimento de colegas e professores, assim como encaminhamento de sugestões. Tudo que venha a beneficiar o melhor aproveitamento do recreio.

Os professores que analisem o entusiasmo dos alunos, a essência pedagógica das atividades, comportamento em sala de aula no pré e pós-recreio e até se existe alguma melhora geral nas atitudes dos alunos.

Depois de cada parte dar seu parecer e somando-se as informações, que sejam feitas contribuições e ajustes eficazes para o melhor andamento do recreio.

Avaliar, no processo de ensino e aprendizagem, só tem sentido na medida em que serve para o diagnóstico da execução do processo, em função dos resultados que estão sendo buscados na ação educativa. A avaliação só é possível se for realizada como elemento integrante do processo de construção do conhecimento, comprometida com o projeto pedagógico e com características que conduzam a uma avaliação eficaz (MELCHIOR, 1994, p.18).

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Visualizar a permuta de um simples intervalo para um recreio com fins pedagógicos não é simples. Fatores como a família, religião, televisão e toda a estrutura física e humana da escola devem ser levados em conta para obtenção desse sucesso.

Toda essa composição do recreio tem uma complexidade que de certa forma nos desencoraja a mudá-lo. Nesses fatores não existe maior ou menor importância, é uma máquina que onde uma engrenagem travar compromete todo um sistema. Que não sejamos nós educadores a engrenagem falha.

Neste processo as disciplinas devem agir de forma conjunta e coesa. O objetivo de todo processo educacional é a construção do conhecimento. Dessa maneira só terá êxito se feito de forma global. Valorizar as diferenças entre alunos dando a eles o entendimento que aptidões existem e devem ser respeitadas. Ao citar as disciplinas, trago implícito os professores. É com o pensamento e ação de todos que os alunos irão sentir seus atos valorizados.

Qualquer que seja o âmbito de uma mudança, nela vem embutido ônus e bônus. Pensarmos no bônus final é quase que como um alento na busca de uma melhor educação partindo de um recreio pedagógico. Quanto ao ônus, que consigamos com toda a comunidade escolar, sobre por a vontade de uma melhora educacional.

O corpo docente deve manter-se coeso, para enfrentar esses desafios. Legitimar a importância inquestionável de todas as disciplinas na formação dos educandos. Sendo assim

que a interdisciplinaridade aconteça de forma natural e verdadeira, onde exista também a transdisciplinaridade, dando um passo a mais em benefício da educação. Além das disciplinas se aproximarem que entrem em permuta de troca adentrando uma na outra.

Dentro desta evolução permanente do homem, que não se despreze as conquistas já alcançadas a respeito do recreio. Com recreio direcionado ou espaços com materiais, foi alçado vôo no pensamento para um melhoramento ainda maior e mais complexo. Para tanto devemos deixar a acomodação de lado e a mecanização, ambos os fatores são diagnósticos de estagnação.

Com o estudo feito, o recreio deixa de ser um mero descanso ou momento de nutrição e ganha importância educacional. A imagem que havia sido criada em nossas mentes e cotidianos, aos poucos deve dar espaço a esta situação pedagógica do recreio. O fato de ocorrer mudanças ou não intervalo, depende de cada educador e o corpo docente como um todo. Em nenhum momento pautei esta discussão no sentido de que existiriam facilidades. Ao contrário disto, relatei toda a complexidade em que está envolvido o recreio.

Hoje se busca o melhoramento na educação do ponto de vista principalmente da forma como são ministradas as aulas. Na mesma ótica deve ser visto o recreio, onde o melhoramento dele traga benefícios aos alunos com condutas profissionais e pedagógicas por parte do corpo docente.

Se no presente momento, ao fim deste trabalho, perguntas surgem e não calam dentro de nós, é o prenuncio de que concordamos que o esta ocorrendo hoje não esta sendo de nosso agrado. E assim temos uma chama de querer mudar. Ao encontrarmos com outras chamas poderá se tornar um fogo de mudança educacional. Que sejam levados em conta a grande maioria dos fatores que influenciam direta ou indireta na escola, aluno ou comunidade escolar.

REFERÊNCIAS

- BORGES, Célio José. **Educação física para o pré-escolar**. Rio de Janeiro: Sprint, 2002.
- BRASIL. **Lei de diretrizes da Educação Nacional**. Nº 9394/96. Brasília. Senado Federal Subsecretaria Especial de Editoração e Publicação.
- BRASIL. **Parecer 002**. Brasília. Câmara de Educação Básica/Conselho de Educação Brasileira, fev. 2003.
- BRASIL. **Parecer 005**. Brasília. Conselho Nacional de Educação, 1997.
http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CEB002_2003.pdf
- FREIRE, João Batista; **De corpo e alma**: o discurso da motricidade. São Paulo: Summus, 1991.

MATTOS, Mauro Gomes de; NEIRA, Marcos Garcia. **Educação física infantil:** inter-relações movimento-leitura-escrita. São Paulo: Phorte, 2002.

MELCHIOR, Maria Celina; **Da Avaliação dos Saberes à construção de competências.** Porto Alegre: Premier, 2003.

MOREIRA, Evando Carlos; **Educação Física escolar:** propostas e desafios II. Jundiaí : Fontoura Editora, 2006.

NEUENFELDT, Derli Juliano; **Recreio escola:** espaço para “recrear” ou necessidade de “recriar” este espaço? Lajeado: Univates, 2005.

PIAGET, Jean. **Formação do símbolo na criança.** Rio de Janeiro: Zahar, 1973.

SCHMELKES, Sylvia. **Buscando uma melhor qualidade para nossas escolas.** Brasília: MEC/SEF, 1994.